



MÚSICAS QUE TRABALHAM AUTOESTIMA NEGRA: MINHA EXPERIÊNCIA COM EMICIDA, DJONGA E BACO EXU DO BLUES APRENDENDO A RESISTIR

Olavo Lisboa dos Santos¹

Elisabete da Silveira Ribeiro²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar minha experiência com as músicas de cantores do Rap/Hip hop brasileiro atual e a importância para minha formação enquanto ser social. Para além de apresentar as canções como forma de representação da realidade e mostrar como as músicas são ótimas ferramentas antirracistas, voltadas para a valorização e o empoderamento da população negra brasileira. Dessa forma, surge a questão de como as músicas destes três cantores Emicida, Djonga e Baco Exu do Blues me ajudam a melhorar a minha auto estima, a consciência racial e o processo de resistência contra o racismo. Justifica-se, assim, este trabalho, pois as músicas são instrumentos importantes para a obtenção de conhecimento através de uma linguagem poética que retrata situações da realidade. Os cantores foram escolhidos pelo fato das suas músicas conterem várias críticas à realidade na qual a população negra está inserida no Brasil e me ajudam a entender melhor, a ser melhor e me aceitar do jeito que eu sou e devo ser. A metodologia será pesquisa qualitativa, pautada nas escrituras, criadas por Conceição Evaristo, como modo de auto narrar-se, relacionando essas escritas de si com as músicas desses cantores antirracistas. Como resultado da pesquisa destaca-se que as canções são muito importantes para mim, bem como para outros jovens negros, como forma de aprendizado e resistência ao sistema de opressão sobre os corpos negros. Além disso, é uma ótima ferramenta de divulgação de pautas antirracistas e promoção da beleza, melhorando a autoestima da população negra, principalmente a minha.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Músicas, Negritude, Autoestima Negra, Escrivência.

¹ Graduando em Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins/Arraias, Coordenador do Clube de Leitura Negra, olavo.lisboa@uft.edu.br;

² Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. professora no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Arraias. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Carolina de Jesus (UFRB), bsilveira@mail.uft.edu.br.

INTRODUÇÃO

A importância das músicas na sociedade transcende seu papel meramente recreativo, desempenhando um papel fundamental na reflexão e representação da realidade. As composições musicais, seja através de uma análise crítica da realidade ou por meio de uma expressão artística mais subjetiva, constituem instrumentos poderosos para a obtenção de conhecimento. Este trabalho emerge com o propósito de explorar o potencial das músicas, especialmente no gênero rap/hip-hop, como ferramentas que contribuem para o fortalecimento da autoestima, consciência racial e resistência contra o racismo.

O rap e o hip-hop brasileiros, nascidos nas periferias, são estilos que, apesar de sua riqueza artística e cultural, enfrentam resistência e preconceito de uma parcela da sociedade. Essa resistência, muitas vezes enraizada no racismo estrutural, reflete uma visão negativa associada erroneamente à origem desses estilos, desvalorizando-os injustamente.

Os artistas escolhidos para análise, Emicida, Djonga e Baco Exu do Blues, representam vozes significativas dentro do cenário do rap/hip-hop brasileiro. Suas letras, muitas vezes críticas sociais, concentram-se em questões raciais, proporcionando uma base sólida para explorar como essas músicas podem impactar positivamente na autoestima, consciência racial e no enfrentamento ao racismo.

A narrativa musical desses artistas transcende estereótipos, revelando as complexidades da sociedade sem artifícios sociais. O rap/hip-hop, muitas vezes rotulado como "pesado" devido à sua abordagem franca, serve como um espelho autêntico da realidade, algo que a sociedade elitista muitas vezes reluta em aceitar.

O objetivo geral deste trabalho é compartilhar a experiência pessoal do autor ao se envolver com as músicas desses artistas e destacar a importância dessa experiência na sua formação como indivíduo inserido numa sociedade diversa. Além disso, busca-se apresentar as músicas como ferramentas antirracistas, capazes de valorizar e empoderar a população negra brasileira.

Os artistas selecionados, cada um com seu nome artístico significativo, incorporam elementos de suas origens e identidades culturais. Baco Exu do Blues, por exemplo, mescla referências da mitologia grega com a cultura africana, enquanto Djonga e Emicida escolhem pseudônimos que carregam significados profundos relacionados à sua trajetória e atuação como artistas.

Ao explorar as músicas desses talentosos artistas, este trabalho busca não apenas analisar criticamente as letras e a musicalidade, mas também destacar a importância dessas



obras como agentes de transformação social, contribuindo para uma conscientização mais ampla sobre as questões raciais e inspirando a resistência contra o racismo.

Em Corra Djonga traz bastante de emoção e reflexão sobre a realidade social, política e econômica enfrentada pelo povo, especialmente aqueles que vivem em comunidades marginalizadas. A letra começa destacando o impacto negativo nas vidas das pessoas, representadas pelo termo "vilões" que prejudicam o povo. Há uma ênfase na violência, desigualdade social e na resposta da comunidade a essas adversidades. No trecho "Eu vou, juro que hoje eu vou ser diferente" sugere uma intenção de resistência e de se opor às condições adversas. Há uma aspiração por mudanças e uma promessa pessoal de fazer a diferença.

A referência à autoestima como confiança, e a metáfora dos cacos a serem juntados, transmite a ideia de que, apesar das dificuldades, há uma tentativa de reconstrução e fortalecimento pessoal. A letra aborda questões sociais como desemprego, desespero, e a insatisfação com as oportunidades limitadas oferecidas, contrastando o desejo de mais com a realidade da escassez. O cantor critica diretamente o sistema, apontando para a injustiça e a indiferença para com o sofrimento da população. Há uma denúncia da manipulação e exploração por parte de figuras de autoridade.

A referência ao rap/hip-hop como uma forma de expressão e resistência cultural destaca a importância da música como veículo para transmitir mensagens de resistência, especialmente contra o racismo. Além de abordar temas relacionados ao poder, corrupção e à exploração de comunidades, criticando a indiferença daqueles que perpetuam essas situações. Apesar da crueza das situações descritas, a repetição do termo "Amor" sugere uma busca por esperança e união, enfatizando a importância de resistir em conjunto para superar as adversidades. Em resumo, essa composição é uma expressão poderosa das lutas, dores e aspirações de uma comunidade frente à adversidade. Ela destaca a importância da resistência, da conscientização e do amor como forças motrizes para superar desafios e construir um futuro mais justo e igualitário.

Em Autoestima de Baco, o cantor explora temas profundos relacionados às dores emocionais, pressões sociais e a busca pela autoestima. O início da letra sugere uma narrativa de dor emocional que foi tentada a ser ocultada. As expectativas sociais e as pressões externas podem ter contribuído para essa tentativa de esconder as dores internas. A frase "Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você" reflete um conflito entre aspirações pessoais e as expectativas impostas pelo ambiente. Essa desconexão pode ter gerado um sentimento de inadequação.



A referência ao uso de drogas como uma forma de esconder a dor destaca o enfrentamento negativo dos desafios emocionais. Além disso, a menção ao luxo material, como diamantes e roupas caras, destaca uma busca pela validação externa e uma tentativa de ocultar as dores internas por meio de aparências. Além da ideia de pagar valores altos em itens como tênis e carros como uma forma de "pisar na dor" sugere uma tentativa de compensar a falta de autoestima com conquistas materiais. Isso levanta questões sobre a correlação entre sucesso material e bem-estar emocional.

A repetição da expressão "Eu só tô tentando achar/A autoestima que roubaram de mim" destaca a busca contínua por uma autoimagem positiva que pode ter sido perdida ao longo do tempo. Assim, a menção à moda e à mudança de gosto destaca como as normas estéticas podem afetar a autoestima, especialmente quando a percepção de beleza é moldada por padrões externos. Mesmo assim, a linha "Foram 25 anos pra eu me achar lindo" sugere um processo gradual de aceitação pessoal, indicando que a jornada para construir uma autoestima positiva pode levar tempo.

A referência ao "afeto repentino" destaca os desafios associados à aceitação afetiva, sugerindo uma complexidade nas relações interpessoais e uma necessidade de compreensão mútua, essa letra expressa a luta interna de alguém para lidar com suas dores emocionais, as pressões sociais e a busca incessante pela autoestima. Ela aborda temas complexos relacionados à aceitação pessoal, validação externa e a influência das expectativas sociais na construção da identidade.

Por fim, Emicida em Principia, essa aborda uma variedade de temas, desde a busca espiritual até a reflexão sobre a importância do amor e da conexão humana. Os versos iniciais evocam uma atmosfera espiritual, referenciando o cheiro doce da arruda e pensamentos sobre Buda. Há uma busca por ajuda e reflexão, expressa na menção ao Salmo e à visão além do palpável. O trecho que menciona o Ubuntu, a urgência de livros diante dos estragos causados por sábios, e a referência ao mestre em dívidas avidas, explora desafios da condição humana, incluindo questões espirituais e filosóficas.

A crítica ao valor atribuído a bens materiais, como tênis caros e roupas, destaca uma tentativa de encontrar significado e autoestima por meio de posses. A busca incessante pela autoestima perdida é um tema recorrente. A ideia de compartilhar a bênção recebida destaca a importância da solidariedade e da generosidade, indicando uma vontade de dividir as conquistas e os recursos. A referência à diversidade, incluindo o conceito de que todos são africanos e a valorização da língua do sorriso como universal, sugere uma celebração da diversidade e uma busca pela unidade.



A contemplação sobre o tempo, a vida, e a incerteza do amanhã reflete uma profunda reflexão existencial sobre a efemeridade da existência humana. A seção final ressalta a importância do amor como um elemento transformador, capaz de mudar o curso da vida e construir a paz. A ênfase na construção de paz sem o uso de violência é uma mensagem positiva. A admissão da fragilidade humana e a ausência de uma "bolha da proteção" destaca a vulnerabilidade compartilhada, humanizando a experiência e promovendo a empatia.

A inclusão de elementos poéticos, como a comparação da voz a um rouxinol e a metáfora do girassol buscando o sol, acrescenta uma dimensão artística à composição. A utilização das cores, especialmente o amarelo, como metáfora para o amor e a espiritualidade, adiciona uma camada simbólica à mensagem. Essa composição é rica em simbolismo, abrangendo uma variedade de temas que vão desde a espiritualidade até questões sociais e filosóficas, com uma ênfase constante na importância do amor, da compaixão e da solidariedade.

METODOLOGIA

A metodologia, dentro do contexto científico, representa não somente o estudo minucioso dos métodos empregados na condução de uma pesquisa, mas também a espinha dorsal que sustenta todo o processo investigativo. Marconi e Lakatos (2017, p. 241) elucidam essa perspectiva ao definirem a metodologia como um conjunto de elementos interligados, capazes de responder a indagações fundamentais como 'como?', 'com quê?', 'onde?', 'quanto?', e outros aspectos cruciais. No entanto, a compreensão de Minayo (2009, p. 14) amplia essa visão ao conceber a metodologia não apenas como o trajeto percorrido entre o pensamento e a prática na abordagem da realidade, mas como um arcabouço que abraça não somente a teoria da abordagem (método), mas também os instrumentos empregados para operacionalizar o conhecimento (técnicas) e a criatividade inerente ao pesquisador, envolvendo sua experiência, capacidade pessoal e sensibilidade.

Neste contexto, o presente tópico abrange de forma abrangente e estruturada o caminho metodológico da pesquisa, incorporando elementos cruciais como o tipo de pesquisa a ser conduzida, o local de estudo e seu cronograma, os sujeitos envolvidos na pesquisa, assim como os instrumentos adotados para coleta e análise de dados. Esta abordagem visa não apenas oferecer uma visão holística, mas também estabelecer os pilares necessários para uma investigação científica rigorosa e significativa.

A metodologia a ser adotada neste estudo será qualitativa, baseando-se nas escrituras propostas por Conceição Evaristo, explorando o auto-narrar-se como meio de estabelecer conexões entre essas narrativas pessoais e as obras musicais de cantores



antirracistas. Além disso, será feita a utilização de outros textos que abordam essa temática para enriquecer e embasar a pesquisa. Serão consideradas três músicas distintas, uma de cada cantor, como elementos fundamentais para a análise e compreensão mais profunda das relações propostas."

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As músicas cuidadosamente selecionadas, 'Corra', 'Autoestima' e 'Principia', não só transcendem os limites do mero entretenimento musical, mas também servem como reflexão profunda sobre a realidade da população negra no Brasil, revelando suas vivências dentro da complexa teia da sociedade brasileira. Cada uma dessas composições é um convite para mergulhar nas nuances da experiência negra, destacando os desafios incessantes enfrentados por esse grupo.

Em 'Corra', a melodia ecoa a persistente batalha diária, oferecendo um retrato vívido da luta contínua travada pela comunidade negra. Esta faixa ressoa como um hino de resistência, expondo a resistência constante contra as adversidades impostas pelo sistema. Revela a urgência e a necessidade de transformar uma realidade marcada pela desigualdade e pela discriminação.

Já em 'Autoestima', Baco Exu do Blues expõe um cenário profundamente pessoal, ecoando um sentimento compartilhado por muitos. Ao expressar o desejo incessante por amor próprio e a busca incessante pela construção de uma autoestima sólida, a música espelha a jornada íntima de se encontrar e se aceitar em um contexto marcado pelo racismo estrutural. Ainda aos 22 anos, vejo-me refletido na luta por me sentir belo em um ambiente que insiste em negar essa beleza, mas aos poucos, ao absorver a mensagem e a força dessas músicas, começou a trilhar um caminho de auto aceitação e amor próprio.

A letra de Baco, especialmente quando ele diz 'me ame, mas se ame primeiro', ressoa como um lembrete poderoso da importância de cultivar o amor próprio antes de buscar a aceitação externa. Essa mensagem ecoa harmoniosamente com as palavras de Djonga, que nos lembra da relevância de cuidar de nós mesmos sem perder nossa conexão com os outros. A música, nesse contexto, emerge como um farol de esperança, uma arte que transcende a barreira do entretenimento para se tornar um refúgio em dias obscuros, um bálsamo para as feridas causadas pelo racismo estrutural." Essas são as ideias mais amplas para enriquecer a reflexão sobre as músicas e suas mensagens profundas sobre a experiência da população negra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propõe uma análise minuciosa de três obras musicais cuidadosamente selecionadas, visando contribuir significativamente para o enfrentamento do racismo e para o fortalecimento da autoestima na comunidade negra. O ato de ouvir essas músicas transcende a mera apreciação artística; ele se torna um ato de resistência consciente. Os artistas por trás dessas composições optaram por enfrentar de frente o monstro do racismo, oferecendo-nos não apenas melodias, mas também armas simbólicas para esse combate.

Essas canções são mais do que simplesmente notas e letras; elas se transformam em manifestos de força, inspirando-nos a estabelecer uma conexão intrínseca entre a luta contra o preconceito e a manutenção de uma autoestima robusta. Compreender que a elevação da nossa autoestima é uma ferramenta poderosa para o enfrentamento diário do racismo é crucial. Ela nos capacita, fortalece nossa resiliência e nos impulsiona a desafiar as estruturas discriminatórias que permeiam a sociedade.

Para encerrar esta análise, é pertinente trazer à tona um trecho marcante da música de Emicida que ressoa como um chamado à união e à solidariedade na jornada contra a adversidade:

'Tudo, tudo, tudo, tudo que nós temos é nós
Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é
Tudo que nós temos é isso, uns ao outro
Tudo o que nós temos é uns ao outro, tudo' (EMICIDA)

Estas palavras não são apenas versos; são um lembrete poderoso de que a nossa maior riqueza é a nossa unidade e apoio mútuo. É um eco para a importância de nos fortalecermos como comunidade para enfrentarmos os desafios impostos pelo racismo e pela busca constante por equidade e justiça."

REFERÊNCIAS

EMICIDA, Principia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pastoras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/>

DJONGA, Corra. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djonga/corra-part-paige/>

BLUES, Baco exu do, Autoestima Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/autoestima/>



Disponível em:

<https://medium.com/pirata-cultural/corra-de-djonga-%C3%A9-o-grito-dos-que-foram-silenciados-464bc32b2830>.

Disponível em:

<https://dicionariompb.com.br/artista/djonga/#:~:text=O%20apelido%20%E2%80%9CDjonga%E2%80%9D%2C%20foi,pr%C3%B3prio%20Hot%20tinha%20ci%C3%Aancia%20disso>.

Disponível em:

<https://www.deezer-blog.com/br/emicida/#:~:text=Leandro%20Roque%20de%20Oliveira%2C%20mais,compositor%2C%20letrista%20e%20empres%C3%A1rio%20brasileiro>.

EMICIDA, Principia. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pastoras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/>